

REPRESENTAÇÕES DO BOXE NA COLÔNIA ITALIANA: UM ESTUDO DO JORNAL *IL PASQUINO COLONIALE* (1915-1939)^{1,2}

Igor Cavalcante Doi,

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Edivaldo Gois Junior,

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo evocar as representações da prática pugilística produzidas pelo jornal ítalo-paulista Il Pasquino Coloniale entre os anos 1915 e 1939. Os resultados mostraram que o boxe era representado de modos diversos, por vezes com críticas à sua violência e ao dinheiro envolvido, mas também com paixão e empolgação. Como semanal humorístico, o Pasquino também troçava a identidade “científica” do boxe moderno.

PALAVRAS-CHAVE: *Boxe; imprensa; imigrantes italianos.*

INTRODUÇÃO

No início do século XX, São Paulo era uma das maiores cidades de imigração do mundo (HALL, 2004). A vida urbana era especialmente favorável ao associativismo imigrante e, igualmente, ao estabelecimento de uma imprensa étnica (TRUZZI, 2016). Os italianos que ali viviam produziram um rico periodismo nesse tempo, com destaque para o *Fanfulla*, que foi o maior de seus cabeçalhos e continua vivo nos dias atuais. Uma característica fundamental desses jornais “burgueses” do período era a sua importância na afirmação da identidade através da palavra escrita e das notícias de interesse particular da colônia, contribuindo para reafirmar uma identidade italiana fora do território nacional (ARAÚJO; CARDOSO, 1987; ROGHATTO, 1987, TRENTO, 2013).

Outro jornal, menor que o anterior, mas também importante e de ampla circulação, foi o semanal humorístico *Il Pasquino Coloniale*, nascido em 1909 com o jornalista Arturo Trippa e encerrado (provavelmente) em 1941, sob a direção de Gaetano Cristaldi. O Pasquino chegou

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001-P-3379/2017.

² Uma versão mais detalhada deste trabalho foi publicada pela *RBCE* no vol. 43, 2021.

a ter tiragens de 30.000 exemplares e a ser distribuído não só no interior de São Paulo, mas também em outras regiões brasileiras. É difícil estabelecer para o Pasquino uma linha editorial precisa, uma vez que sua diretoria foi ocupada por doze pessoas ao longo dos seus trinta e dois anos de existência. Seu pretexto maior, contudo, foi sempre o de fazer humor, publicando anedotas, piadas e charges diversas.


É nesse jornal que nos propomos a estudar as representações sobre o boxe que eram produzidas e veiculadas na colônia italiana em São Paulo. Sabemos que as primeiras décadas do século XX elevaram a popularidade desse esporte em todo o mundo, em decorrência do negócio milionário que se tornou, principalmente com as iniciativas do famoso empresário estadunidense “Tex” Richard (ROBERTS, 1974). Foi na década de 1920 que os jornais brasileiros começaram a narrar com maior ênfase os acontecimentos do cenário pugilístico mundial e também local, na medida em que aqui o esporte também começava a se popularizar. Com o Pasquino não foi diferente – e as crônicas e os chistes passaram a ocupar também as suas páginas, com um humor ora ácido, ora brincalhão, ora apaixonado pelas lutas.

A série documental foi recuperada a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde nos foi possível acessar números de 1915 a 1939, com exceção dos anos 1923 e 1924. Pesquisando pelos termos box, boxe, pugilismo e pugilato, juntamos 312 recortes do Pasquino que utilizamos para as análises, dos quais alguns estão aqui apresentados.

PUGILISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES

A violência como característica inalienável desse esporte era de certo um alvo das críticas troceiras do jornal. Algo que se vê nos seus dizeres mais ou menos cômicos é uma ironização do título da noble art em decorrência de sua agressividade. “Realmente críamos que ‘a arte nobre’ pudesse ser a pintura, a escultura ou outra porcaria dessas. Em vez disso, arte nobre é o espancar com murros” (CAZZOTTI, 1926c, p. 16). Comparando o esporte dos socos com o jogo da pelota, o jornal dizia que o boxe “encerra métodos bárbaros e de discutibilíssimo gosto, absolutamente ausentes no nobre e cavalheiresco jogo basco” (SPORT, 1933, p. 11).¹ De um lado, o nobre e cavalheiresco e, de outro, o barbarismo do pugilato. “Murros, portanto, e murros de todos os gêneros” (CAZZOTTI, 1925a, p. 16).


Paralelamente às representações do boxe como violência, havia também um certo desapareço do semanal em relação à indústria esportiva que se montava em torno da prática - “a



bolsa”, ele chamava, uma exigência gananciosa dos lutadores e dos promotores de eventos. Esse incômodo com uma atividade que enriquece sem passar pela aceitação de um modo de vida de uma classe média intelectual, uma atividade na qual o capital pugilístico incorporado se converte em capital econômico (BOURDIEU, 1986) e para a qual não são necessários os mesmos êxitos educacionais que foram fundamentais para a constituição de um periódico frequentemente comandado por indivíduos de alta formação acadêmica, é pauta recorrente das charges ácidas do Pasquino. Em 1925, quando da aprovação pela Câmara Municipal de São Paulo para a prática do pugilismo, numa charge um senhor vestido em trajes distintos (terno e gravata, uma pasta sob o braço) interpela algumas crianças que se socam ao ar livre, ao que elas respondem: “Encontramos um trabalho! A Câmara Municipal permitiu o boxe e sabe-se que se ganha mais dinheiro distribuindo socos que fazendo-se médico ou fazendeiro!” (PENSANDO..., 1925, p.18). Novamente, em 1930, um desenho mostra o pai e o professor disputando um menino, o professor dizendo que ele deveria estudar, ao que o pai respondia: “não me faça rir: precisa aprender o 'boxe!'” (CAZZOTTARE..., 1930, p. 7).

Seria contudo incorreto dizer do Pasquino que era apenas um ferrenho antagonista da prática pugilística, que tudo no boxe lhe parecia repulsivo, imoral e bárbaro. Se a reserva marcou os primeiros anos de relação com o boxe, já no final de 1925 podia-se encontrar crônicas excitantes sobre as partidas, destacando os aspectos bem valorados da prática, como a astúcia, a inteligência, a força, a agilidade. Em um conto de 1939, no qual uma mulher visita seu namorado boxeador em Paris, o Pasquino descreve as emoções que ela sentiu ao assistir uma luta pela primeira vez: “A noite do encontro foi uma grande noite. Arlette nunca havia assistido a uma partida de boxe e provou em poucos minutos mais emoções que em todo o resto da sua vida” (INGLESE, 1939, p. 90).

Esses são exemplos de que o boxe, apesar de causar reservas por sua violência e em alguma medida uma corrupção dos bons modos de ascensão social, também gerava vibração, emoção, expectativas.



SOCOS CIENTÍFICOS

No caso do boxe no Pasquino, a cientificidade e a racionalidade³ aparecem como um registro de seus ares modernos, mas também como uma ironia frente à prática aparentemente bárbara do pugilismo. É com isso que surge algumas vezes no Pasquino a ideia dos “socos científicos” (SCAZZOTTATURE, 1925). Mas o boxe tem lá as suas peculiaridades e o pugilismo se encontra, para o Pasquino, nas fronteiras entre o racional e o bárbaro. A referência ao “esmurramento científico” (CAZZOTTI, 1926b) não é senão fruto dessas ambiguidades: ao mesmo tempo que propagandeia o discurso da cientificidade e da racionalidade de um esporte brutal, o faz sempre em um tom de chacota que o empurra, através da ironia, de volta ao âmbito de uma agressividade desregulada. Fazendo suas pilhérias, os redatores do jornal também tensionam as representações coletivas sobre o esporte, tendendo a tornar essa visão racionalizante do pugilismo mais escorregadia. Não sendo de uma militância anti-boxe, mas incapaz de se deixar insensível à sua aparente selvageria, o Pasquino tentava se equilibrar nessa mediana em que se permitia publicizar, narrar e prestigiar o boxe, mas também ironizar representações que lhe pareciam deslocadas, como o apelo à cientificidade de uma troca de socos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua trajetória no jornal, o pugilismo foi representado de muitas maneiras, suscitando reações variadas e evocando valores diversos. Trata-se de uma prática que não tem nada de absoluto. Por um lado, tratava-se de socos científicos, mas, por outro, tinha também seu lado bárbaro, violento. Por um lado, era resultado de um esforço sobre si mesmo, do treinamento esportivo e, por outro, uma prática “natural” canalizada para o espetáculo. E, se ele aparecia muitas vezes como algo repulsivo, era em ainda mais ocasiões narrado como um jogo excitante, que comovia cronistas e leitores pelas emoções que proporcionava. Seus combates incríveis não perdiam sabor por serem também um modo pouco ortodoxo para fazer fortuna.

³Para uma reflexão sobre a racionalidade esportiva, ver Vaz (2003).

REPRESENTATIONS OF BOXING IN THE ITALIAN COLONY: A STUDY OF *IL PASQUINO COLONIALE* NEWSPAPER (1915-1939)

ABSTRACT

This research aimed to evoke the representations of pugilistic practice produced by the Italian-Brazilian newspaper Il Pasquino Coloniale between the years 1915 and 1939. The results showed that boxing was represented in different ways, sometimes with criticism of its violence and the money involved, but also with passion and excitement. As a humorous weekly newspaper, Pasquino also mocked the "scientific" identity of modern boxing.

KEYWORDS: *Boxing; Press; Italian immigrants.*

REPRESENTACIONES DEL BOXEO EN LA COLONIA ITALIANA: UN ESTUDIO DEL PERIODICO *IL PASQUINO COLONIALE* (1915- 1939)

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo evocar las representaciones de la práctica pugilística producidas por el periódico italiano-brasileño Il Pasquino Coloniale entre los años 1915 y 1939. Los resultados mostraron que el boxeo estaba representado de diferentes maneras, a veces con críticas por su violencia y el dinero involucrado, pero también con pasión y entusiasmo. Como un semanario humorístico, Pasquino también se burló de la identidad "científica" del boxeo moderno.

PALABRAS CLAVES: *Boxeo; prensa; inmigrantes italianos.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sílvia. CARDOSO, Alcina. Italianos no Brasil ou a pátria recriada. In: DE BONI, L. (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia, p. 333-44, 1987.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: Richardson, J. **Handbook of theory and research for the Sociology of Education**. Westport: Greenwood, p. 241-58, 1986.

HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (Org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3, p. 121-152.

ROBERTS, Randy. Jack Dempsey: an American hero in the 1920's. **Journal of popular culture**, v.8, n.2, p.411-426, 1974.

ROGHATTO, Geraldo. Achiopita, fettuccine e vinho: sobre a italianidade e a colônia italiana de São Paulo. In: DE BONI, L. **A presença italiana no Brasil vol. 2**. Torino: Escola Superior de Tecnologia; Fondazione Giovanni Agnelli, p.414, 1990.

TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Unesp, 2016.

VAZ, Alexandre. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. **Pró-posições**, v. 14, n. 2, p.61, 2003.

FONTES

CAZZOTTARE... necesse est, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.7, 3 de maio de 1930.

CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.15, 11 de setembro de 1926b.

CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.16, 26 de junho de 1926c.

CAZZOTTI, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.16, 26 de setembro de 1925a.

INGLESE, Dott. Vincenzo. Volpi azzure, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.90, 20 de dezembro de 1939.

PENSANDO... all'avvenire, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.18, 2 de maio de 1925.

SCAZZOTTATTURE, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.11, 25 de abril de 1925.

SPORT, *Il Pasquino Coloniale*, São Paulo, p.11, 6 de maio de 1933.